

A Abordagem deleuziana sobre as Faculdades na Filosofia Crítica de Kant

PATRÍCIA SILVEIRA PENHA *

RESUMO

Gilles Deleuze (1925-1995), filósofo francês contemporâneo, explicitou em sua filosofia (enquanto produtora de conceitos) noções importantes como a problemática da diferença, da multiplicidade, da imanência e do acontecimento. Este artigo tem como objetivo realizar um estudo das faculdades do conhecimento (a sensibilidade, o entendimento e a razão) a partir da *Introdução* (sobre o Método Transcendental em Kant) em *A Filosofia Crítica de Kant* (1963), a fim de saber se é possível que uma delas aja de forma autônoma. Portanto, Deleuze observa a filosofia de Kant como responsável por analisar as condições de possibilidades do conhecimento através das faculdades.

PALAVRAS-CHAVE

Deleuze. Kant. Faculdades. Conhecimento. Criticismo.

* Mestranda em Filosofia - UECE; Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Social e Política; E-mail: patricia.silveira91@gmail.com.

The Deleuzian approach about the Faculties in Kant's Critical Philosophy

ABSTRACT

Gilles Deleuze (1925-1995), a contemporary French philosopher, explained in his philosophy (as a producer of concepts) important notions such as the problem of difference , of multiplicity, of immanence and happening. This article aims to conduct a study of the knowledge faculties (sensibility, understanding and reason) from the Introduction (on the Transcendental method Kant) in *Kant's Critical Philosophy* (1963), in order to know whether possible that one of them to act autonomously. So Deleuze observes the philosophy of Kant as responsible for analyzing the conditions of possibility of knowledge across faculties.

KEYWORDS

Deleuze. Kant. Faculties. Knowledge. Criticism.

Introdução

Immanuel Kant fundou a Filosofia Crítica e foi um dos grandes filósofos relevantes da Modernidade. Mas, é preciso destacar que Kant nem sempre foi um filósofo crítico, como por exemplo, em sua fase pré-crítica (Período no qual Kant atuou como docente privado na Universidade de Königsberg. Durante esse período, Kant foi influenciado pela metafísica racionalista alemã de Gottfried Wilhelm Leibniz e por Cristian Wolff e pela Física de Isaac Newton). Kant ainda não tinha desenvolvido sua filosofia criticista. O método utilizado por Kant foi o criticismo que tinha como principal objeto de estudo a análise crítica das faculdades cognitivas do ser humano¹. A Filosofia de Kant foi dividida por especialistas em dois grandes períodos: o pré-crítico e o crítico². O período crítico³ de Kant foi caracterizado

1 Nas palavras de George Pascal (2009, p. 33): “O método kantiano pode denominar-se método reflexivo. Com efeito, é refletindo sobre os conhecimentos racionais que nós possuímos que Kant tentará obter uma idéia precisa da própria natureza da razão. E a reflexão nada mais é senão aquele movimento pelo qual o sujeito, a partir de suas próprias operações se volta sobre si mesmo. A análise reflexiva está, pois, ligada à idéia crítica”.

2 Para um estudo sobre as três críticas, cf. FERRY, Luc. *Kant: Uma leitura das três “críticas”*. Tradução de Carina Jannini. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010, p. 8: “[...] me dediquei ao trabalho, humilde, mas cativante, que consiste – este é o objeto da primeira parte deste livro – em oferecer ao leitor uma introdução às três obras maiores de Kant – as três Críticas, que correspondem, numa primeira abordagem, à teoria do conhecimento, à moral e à estética.

3 De acordo com Leite (2007, p. 15), “Kant, conhecido como o Filósofo das Três Críticas – Crítica da razão pura (1781), Crítica da razão prática (1788) e Crítica do Juízo (1790) -, desenvolveu,

pela distinção entre o sensível e o inteligível, e pela sua aproximação da problemática das faculdades do conhecimento. Durante esse período, Kant publicou três grandes e polêmicas obras: *Crítica da Razão Pura*, (*Kritik der reinen Vernunft*, 1781), *Crítica da Razão Prática* (*Kritik der praktischen Vernunft*, 1788) e *Crítica da Faculdade do Juízo* (*Kritik der Urteilskraft*, 1790).

O criticismo de Kant iniciou-se em 1781, com a publicação de sua relevante obra, a *Crítica da Razão Pura*. Foi a partir da leitura de David Hume (1711-1776)⁴ que Kant compreendeu a necessidade de repensar sobre a metafísica e seus problemas colocados. Segundo Pascal (2008, p. 29), “o principal motivo que levou Kant a sua filosofia crítica “não foi a rejeição das conclusões, e, sim, a consciência da incerteza dessas conclusões, e da fraqueza dos argumentos em que assentavam.” O empirismo cético de Hume⁵ despertou Kant de seu “sono dogmático” e fez com que o filósofo de *Königsberg* realizasse estudos acerca da filosofia especulativa. Hume criticou a ideia de causalidade (da conexão

ao lado de uma filosofia teórica, preocupada com a razão especulativa, uma filosofia prática, cujo desdobramento tem importante consequência para o seu pensamento ético [...]”

4 Filósofo escocês nascido em Edimburgo, foi um dos principais representantes do empirismo cético.

5 Conforme Dudley (2013, p. 26): “A filosofia precisa demonstrar que Hume falhou em estabelecer que a razão é incapaz de orientar e motivar o comportamento humano, e, portanto, que foi incapaz de estabelecer que os seres humanos não são livres. Este é o projeto que define a *Crítica da razão pura* de Kant, cujo objetivo central é oferecer a defesa da liberdade e da moralidade, e assim fazendo preservar a perspectiva do iluminismo e da modernidade”.

de causa e efeito) afirmando que a razão é incapaz de pensar de maneira a priori, isto é, a razão só pode pensar de maneira a posteriori por meio da experiência sensível. Para Hume, as noções a priori partiriam da experiência, não podendo existir a possibilidade de nenhuma metafísica. A partir disso, Kant indagou sobre as possibilidades e os limites do conhecimento, afirmando que o criticismo contém uma faculdade complexa que resulta em uma síntese: a sensibilidade e o entendimento. Conforme Kant, através da sensibilidade conhecemos os objetos que são representados para nós. Por conseguinte, por meio do entendimento pensamos sobre estes objetos.

Kant criticou o racionalismo dogmático de Leibniz (1646-1716)⁶ e Wolff (1679-1754)⁷ indagando que a filosofia de ambos os filósofos discorreu por uma perspectiva totalmente equivocada quando abordou a questão das investigações acerca da natureza e da origem dos conhecimentos humanos. Na perspectiva de Kant, a filosofia de Leibniz e de Wolff considerou apenas a lógica e a distinção entre o sensível e o inteligível descartando a possibilidade da origem e do conteúdo destes conhecimentos. Sendo assim, como já dizia Kant, através da categoria da sensibilidade é impossível conhecermos as coisas como elas são (coisa-em-si).

Gilles Deleuze destacou a crítica que Kant fez ao empirismo cético e ao racionalismo dogmático,

6 Gottfried Leibniz foi um filósofo racionalista alemão, realizou estudos nos campos da metafísica, matemática, religião e etc.

7 Filósofo racionalista alemão que realizou estudos metafísicos e teológicos.

em sua obra *A Filosofia Crítica de Kant*. Sobre o empirismo, diz Kant (2001, p11), “embora todo o nosso conhecimento tenha início na experiência, não significa que todo ele provenha daí.” Conforme Deleuze, o empirismo que se baseia na experiência e está ligado a natureza a sensibilidade e a afetividade, afirma que a razão não pode ser considerada como faculdade dos fins. Diferente do empirismo, o papel da razão consiste em estabelecer os fins comuns tanto aos homens como aos animais.

No primeiro tópico foi feita uma exposição acerca da crítica de Kant ao racionalismo e ao empirismo, a partir do pensamento de Deleuze o qual afirmou que os fins da razão independem da experiência, pois são a priori. No segundo tópico, Deleuze fez a distinção entre as três faculdades de Kant, são elas: a faculdade de conhecer, o sentimento de prazer e desprazer e a faculdade de apetição a fim de saber se é possível que uma delas seja superior agindo de forma autônoma. No terceiro tópico, Deleuze define a síntese de duas formas: como sendo a priori (necessária e universal) e a posteriori (derivado da experiência).

Na perspectiva de Deleuze, existem interesses da razão (interesses práticos) que correspondem ao sentido da palavra faculdade resultando em um sistema dos fins. No quinto tópico, foi necessário apresentar o segundo sentido da palavra faculdade (que aparece como representações específicas) a fim de distinguir do primeiro (que se relaciona de diversas formas a uma representação). A partir da leitura kantiana, Deleuze apresentou os tipos de faculdades e

representações existentes: a intuição (sensibilidade), o conceito (entendimento) e a ideia (razão).

No último tópico, abordaremos a relação feita por Deleuze acerca dos dois sentidos da palavra faculdade afirmando que em sua forma superior, isto é, em seu primeiro sentido, ela é autônoma, pois é capaz de legislar os objetos que se submetem a ela. Ao definir o primeiro sentido da palavra faculdade, Deleuze sentiu a necessidade de apresentar o seu segundo sentido que consiste saber como realizar os interesses da razão.

1 Crítica Ao Racionalismo e ao Empirismo

Logo na *Introdução* da obra *A Filosofia Crítica de Kant*, Deleuze (2000, p.9) define a filosofia de Kant como sendo “a ciência da relação entre todos os conhecimentos e os fins essenciais da razão humana; ou como o amor que o ser racional experimenta pelos fins supremos da razão humana.” Os fins supremos da razão humana correspondem à cultura ou instrução que tornam o homem um ser esclarecido. Segundo Kant (2012, p. 307):

A produção da aptidão de um ser racional para fins desejados em geral (por conseguinte a sua liberdade) é a *cultura*. Por isso só a cultura pode ser o último fim, o qual se tem razão de atribuir à natureza a respeito do gênero humano [...].

Com isso, Deleuze aborda a crítica que Kant fez ao empirismo cético e ao racionalismo dogmático. Sobre o empirismo, Kant diz que não existe conhecimento que não proceda da experiência, ou seja, o nosso conhecimento começa com a experiência. Para

tanto, Kant (2001, p. 41) não desvaloriza o conhecimento empírico, pois demonstra que conhecemos quando temos a experiência de algo já que o homem é um sujeito que conhece.

Não resta dúvida de que todo o nosso conhecimento começa pela experiência; efetivamente, que outra coisa poderia despertar e pôr em ação a nossa capacidade de conhecer senão os objetos que afetam os sentidos e que, por um lado, originam por si mesmos as representações e, por outro lado, põem em movimento a nossa faculdade intelectual e levam-na a compará-las, ligá-las ou separá-las, transformando assim a matéria bruta das impressões sensíveis num conhecimento que se denomina experiência? Assim, na ordem do tempo, nenhum conhecimento precede em nós a experiência e é com esta que todo o conhecimento tem o seu início.

Conforme Deleuze, o empirismo que se baseia na experiência, afirma que a razão não pode ser considerada como faculdade dos fins, pois o empirismo está ligado à natureza, à afetividade e à sensibilidade. De acordo com Kant, a razão é a faculdade⁸ dos fins responsável por tornar o homem um ser moral. Diferente do empirismo, o papel da razão consiste em estabelecer os fins comuns seja tanto para os homens ou aos animais. Kant vai além do empirismo e afirma que existem fins da cultura e fins que pertencem à razão. Na *Crítica do Juízo* (1790), Kant define o fim último como aquele considerado absoluto no qual a natureza não é suficiente para efetuar em conformidade com a ideia.

8 Conforme Vaysse (2012, p. 34): “uma faculdade é uma certa relação entre a representação e o objeto ou o sujeito, ou uma fonte específica de representações.”

Com isso, na perspectiva de Deleuze (2000, p. 10), Kant elaborou argumentos de três espécies: 1) Argumento de valor; 2) Argumento por absurdo; 3) Argumento de conflito:

Argumento de valor: se a razão apenas servisse para realizar fins da natureza, vemos mal como poderia ela ter um valor superior a simples animalidade; Argumento por absurdo: Se a natureza tivesse querido realizar seus próprios fins num ser dotado de razão teria feito mal em confiar-se ao que há nele de racional, tendo sido preferível que se entregasse ao instinto tanto pelos meios como pelo fim; Argumento de conflito: se a razão não passasse de uma faculdade dos meios, não se percebe de que modo dois gêneros de fins poderiam opor-se no homem, como espécie animal e como espécie moral.

Para explicar melhor o argumento de valor, Deleuze afirma que é evidente que a razão tenha utilidade em usos naturais, porém, ela deve existir com uma utilidade mais elevada do que apenas servir destes fins. Deleuze ressalta que um fim é uma representação que determina a vontade, isto é, o querer pela satisfação ligada ao objeto, sendo ela uma representação ou sensível ou racional. Sobre o sentimento de prazer, Deleuze diz que corresponde a um princípio que determina a vontade. Contra o racionalismo, Kant afirma que não apenas os fins supremos são fins da razão, pois é a razão que estabelece ela mesma ao estabelecer os fins. A razão é fim em si mesma e legisladora de seus próprios interesses. A razão para Kant é capaz de ordenar o que devo fazer.

Conforme Deleuze, tanto os fins ou interesses da razão não devem ser julgados pela experiência e nem por nenhuma instância superior à razão. O método transcendental de Kant corresponde a uma crítica da razão como juiz da própria razão. O objetivo deste método é mostrar a verdadeira natureza dos interesses ou dos fins da razão e os meios para efetivar estes interesses.

2 A Faculdade e o seu primeiro sentido

Deleuze define a representação como relacionada a algo diferente de si, como algo externo, isto é, como sujeito e objeto. Para tanto, Kant afirma que o conhecimento se dá através de três faculdades, são elas: a *faculdade de conhecimento*, o *sentimento de prazer e desprazer* e a *faculdade de apetição*. Segundo Kant (2012, p. 8-10, grifos do autor):

Para a faculdade de conhecimento, apenas o entendimento é legislador [...] Para a faculdade de apetição, como uma faculdade superior segundo o conceito de liberdade, apenas a razão (na qual somente encontra este conceito) é legisladora *a priori*. Ora, entre a faculdade de conhecimento e a de apetição está o sentimento de prazer, assim como a faculdade do juízo está contida entre o entendimento e a razão.

Primeiramente, de acordo com Deleuze, uma representação que se refere ao objeto sendo por acordo ou conformidade corresponde à *faculdade de conhecer*. Por conseguinte, uma representação que entra em uma relação de causalidade com o objeto pode ser chamada

de *faculdade de desejar* (apetição). E, por último, uma representação ao ser relacionada com o sujeito, tendo um certo efeito sobre ele, seja aumentando ou diminuindo a sua força se define como faculdade o *sentimento de prazer e de dor*. Portanto, a tarefa de Deleuze é investigar nos escritos de Kant se cada uma destas faculdades é capaz de uma forma superior e autônoma. Conforme Deleuze, Kant só admitiu a possibilidade de uma forma superior: a do prazer e da dor.

3 Investigação sobre a Faculdade de conhecer superior

Deleuze afirma que para conhecermos algo é preciso não apenas termos uma representação, mas sim, sairmos dela. Sendo assim, o conhecimento pode ser considerado como uma síntese de representações. Uma síntese se apresenta de duas formas: *a posteriori* (quando depende da experiência) e *a priori* (que é universal e necessário, pois independe da experiência e isto significa que não deriva dela). Porém, em certos casos pode ser que o *a priori* se aplique ou não se a experiência. Deleuze define o conceito de *Causa* como não sendo o produto de uma indução, mas sim, um conceito *a priori* em que é possível reconhecer na experiência algo que acontece.

Quando a síntese for empírica, a faculdade de conhecer aparecerá sob forma inferior, já que ela encontra sua lei na experiência e não em si mesma. Quando a síntese for *a priori*, a faculdade de conhecer é superior. Para tanto, a faculdade de conhecer determina o interesse da Razão. Como afirma Deleuze

(2000, p. 12): “Um interesse da razão define-se por aquilo que a razão se interessa em função do estado superior de uma faculdade”. Deleuze ao ler Kant afirmou que a *Crítica da Razão Pura* trabalha com a síntese *a priori*, por isso, ela independe da experiência, mas se aplica a esta.

4 A Faculdade de desejar superior

Para que a faculdade de desejar seja superior é necessário que ela deixe de ser uma representação de um objeto, ou seja, é preciso que ela represente a sua forma pura *a priori*. Nas palavras de Kant (2015, p.58-59) “Ora, se se separa de uma lei toda a matéria, isto é, todo o objeto da vontade (enquanto fundamento determinante), dela não resta senão a simples forma de uma legislação universal.” A faculdade de desejar só pode ser superior e ter uma síntese *a priori* se a vontade não for determinada pelo prazer, mas sim, pela lei em si mesma em sua simples forma e somente assim ela poderá ser autônoma.

Deleuze cita o exemplo da lei moral de Kant, na qual a razão age por si mesma independente de nenhum sentimento de prazer ou de dor. A faculdade de desejar superior possui um interesse prático da razão e este interesse não se confunde com o interesse empírico e com o especulativo (teórico). A preocupação de Deleuze sobre a crítica em geral é investigar se existem interesses da razão que diferem da natureza, sendo que, os interesses da razão formam um sistema hierárquico e orgânico, ou seja, que se

referem aos fins do ser racional. Diz Deleuze (2000, p. 15) “A idéia de uma pluralidade (e de uma hierarquia) sistemática dos interesses, em conformidade com o primeiro sentido da palavra <<faculdade>>, domina o método kantiano. Esta idéia é um autêntico princípio, princípio de um sistema dos fins.”

5 A Faculdade e o seu segundo sentido

Deleuze nos mostra dois sentidos da palavra faculdade a qual veremos adiante. Como vimos, a palavra faculdade em primeiro sentido tem várias relações com uma representação, já no segundo sentido, a palavra faculdade significa uma fonte de representações específicas. Por conseguinte, são distinguidas as faculdades e as representações existentes: 1º *Intuição* (utiliza-se da sensibilidade e é uma representação singular, tendo como referencia um objeto da experiência); 2º *Conceito* (utiliza-se do entendimento e é uma representação que se refere de forma mediata a um objeto da experiência por meio de outras representações); 3º *Ideia* (utiliza-se da razão e supera a possibilidade da experiência). Em seguida, Deleuze (2000, *ibid*, grifos do autor) diz que:

[...] devemos distinguir a representação e aquilo que se apresenta [...] O que se nos apresenta ou o que aparece na intuição, é, antes de tudo, o fenômeno enquanto diversidade sensível empírica (*a posteriori*). Vemos que, em Kant, fenômeno não quer dizer aparência, mas aparição.

Deleuze cita o exemplo do fenômeno que aparece tanto no espaço como no tempo. O espaço e o tempo são formas puras de aparição por meio da nossa intuição ou sensibilidade⁹. A sensibilidade só é apresentada de maneira *a priori* por meio de duas coisas: do espaço e do tempo (intuições puras). De acordo com Deleuze, é a própria representação que se define como conhecimento, ou seja, como síntese do que se apresenta. Deleuze apresenta três faculdades ativas que se relacionam e são modos de representações específicas: a imaginação (como síntese), o entendimento (como unidade) e a razão (como totalidade).

6 Os dois sentidos da palavra Faculdade e a relação entre eles

A palavra faculdade na sua forma superior e em seu primeiro sentido é autônoma e legisladora no sentido em que ela legisla os objetos que lhe estão submetidos. Para que seja definido o primeiro sentido da palavra faculdade é necessário buscar uma faculdade, em segundo sentido, que seja capaz

9 “[...] Kant refina a tradicional explicação filosófica de aparência ao estabelecer a distinção entre aparência, fenômeno e ilusão. Ele insiste nessas distinções a fim de redimir a aparência da má reputação e descrédito que sofreu nas mãos da tradição filosófica: não é simplesmente ilusão — a semelhança enganadora da percepção sensível — mas, antes, a experiência dentro dos limites de intuições humanas de espaço e tempo.” Para mais informações cf.: CAYGILL, H. *Dicionário Kant*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 69-70.

de realizar os interesses da razão como legisladora. Diz Deleuze (2000, p.16-17):

A primeira questão da Crítica em geral, pois: quais são essas formas superiores, que interesses são esses e sobre que incidem eles? Mas sobrevém uma segunda questão: como se realiza um interesse da razão? Isto é: o que garante a submissão dos objetos, como são eles submetidos? E a imaginação, é o entendimento ou é a razão? [...] Por outras palavras, nada nos garante que a razão se encarregue por si mesma de realizar o *seu próprio* interesse,

Deleuze aponta o exemplo da *Crítica da Razão Pura* cujo objetivo é descobrir a faculdade de conhecer superior, ou seja, o interesse especulativo da razão. De acordo com Deleuze, os fenômenos não são as coisas em si, mas sim, aquilo que é submetido à faculdade de conhecer, isto é, aquilo que torna um conhecimento possível. Por conseguinte, Deleuze (2000, *ibid*, grifos do autor) mostra a célebre resposta de Kant a respeito da seguinte pergunta: “Qual é a faculdade (no segundo sentido) que legisla na própria faculdade de conhecer?” Kant respondeu que somente o entendimento é legislador seja na faculdade de conhecer ou no interesse especulativo da razão. É a própria razão que legisla no interesse prático dela mesma. Dessa forma, o entendimento ao se relacionar com a razão e a imaginação, desempenha um papel original sendo determinado pela razão.

Considerações finais

Conclui-se que, Deleuze ao realizar estudos sobre a Filosofia Crítica de Immanuel Kant, baseou-se em três relevantes obras que deram origem ao Criticismo Kantiano: *A Crítica da Razão Pura*, *Crítica da Razão Prática* e *Crítica da Faculdade do Juízo*. Estas três grandes obras trataram da relação entre as três faculdades abordadas por Kant, são elas: Imaginação, Entendimento e Razão. Deleuze em seus estudos sobre Kant demonstrou a existência de uma faculdade que é legisladora, isto é, que age de forma autônoma.

Sendo assim, Deleuze fez uma investigação sobre qual das faculdades abordadas por Kant é capaz de ter uma forma superior, são elas: faculdade de conhecer (que está relacionada ao sujeito e ao objeto), a faculdade de desejar (que ocorre quando uma representação tem uma relação de causalidade com o objeto) e o sentimento de prazer e de dor (que ocorre quando uma representação se relaciona com o sujeito tendo efeito sobre ele). Como assinalou Vaysse (2012, p. 35), de acordo com Deleuze:

Pode-se entender a filosofia crítica de Kant como uma teoria das faculdades. Dada uma faculdade no primeiro sentido do termo, é preciso encontrar qual é a faculdade no segundo sentido que lhe confere sua forma superior. Por isso, é o entendimento que legisla a favor do interesse especulativo da faculdade de conhecer superior e a razão a favor do interesse prático da faculdade de desejar superior, sendo que o fato de uma faculdade legislar não exclui as

outras faculdades, mas lhes confere a cada vez um papel determinado. No que concerne ao sentimento de prazer e de dor, ele só pode alcançar sua forma superior se for desinteressado [...].

Assim, já que a faculdade no primeiro sentido corresponde a um interesse da razão, então em um segundo sentido busca investigar se ela é capaz de realizar a tarefa legisladora. Portanto, Deleuze ressaltou que o entendimento é determinado pela razão que consiste em uma faculdade legisladora e autônoma.



Referências bibliográficas

CAYGILL, H. *Dicionário Kant*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DELEUZE, Gilles. *A Filosofia Crítica de Kant*. Tradução de Germiniano Franco. Lisboa, Portugal: Edições 70. 2000.

DUDLEY, Will. *Idealismo Alemão*. Tradução: Jacques A. Wainberg. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FERRY, Luc. Kant: *Uma leitura das três “críticas”*. Tradução de Carina Jannini. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. 5. ed. Trad.: Manuela Pinto e Alexandre Morujão. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

_____. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Trad. Valério Rohden e António Marques. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. *Crítica da Razão Prática*. Trad. Valério Rohden. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

LEITE, Flamarion Tavares. *10 Lições sobre Kant*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PASCAL, Georges. *Compreender Kant*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VAYSSE, Jean-Marie. *Vocabulário de Immanuel Kant*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

